

SOLEIL NOIR

HUGO CANTEGREL

“A visão que o olho regista é sempre pobre e incerta. A imaginação enriquece-a e completa-a, com os tesouros da memória, do conhecimento, com tudo o que deixam à sua discrição como a experiência, a cultura e a história, para não mencionar que, por si só, se for preciso, ela inventa ou ela sonha.”

Roger Caillois, *L'écriture des pierres*, Paris, Flammarion (Champs collection), 1994, p. 91.

Nenhuma direção é imposta à imaginação e o significado que desejam pode-lhe ser emprestado; o artista desenha um horizonte de expectativas. Entre o entrelaçamento de potenciais narrativos, a multiplicidade de portas de entrada, de referências assumidas ou ocultas, o artista convida-nos a escolher um fio condutor e tecer novas relações. A menos que a vista de **Icare** - morto por voar muito perto do Sol - se prefira perder num labirinto de símbolos.

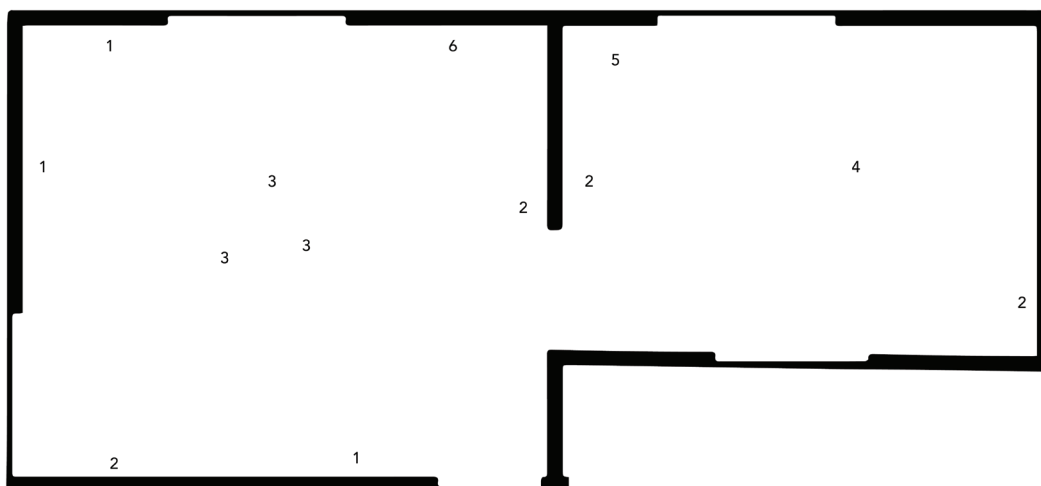
Escrituras hieráticas pontuam o espaço. Vestígios oníricos de colinas, instantâneos de ondas, impressões de memórias. A fragilidade do material e os tons suaves dessas paisagens de cerâmica dão o efeito de uma carícia. Respiração. A exposição passa a ser um abraço e a obra de arte um objeto de ternura. **Chaleur humaine**, pôr do sol. No coração da sala, um teatro sem voz: os cavalos sussurram a sua presença. **Silence** em três tempos. Os burros parecem prontos para um ataque furtivo, mas logo serão xeque-mate. O jogo foi esculpido em cedro vermelho ainda húmido, de modo a que sua confeção prometa destruição. Em breve, à observação dos laços seguirá a dos destroços. O silêncio já está posto em risco: os estalidos do quebra-cabeça começam a ser ouvidos.

Ou talvez seja o sussurro da **Dream Airlines** que discernimos à distância. Inspiração. As figuras desta coleção de serigrafias sobre coberturas de emergência, levam-nos a olhar para cima mais frequentemente, a pensar na estranha poesia que nos envolve: o aparente mutismo de uma torre de controle, uma coreografia de iluminação, o penteado de uma palmeira. Nós não podemos realmente distinguir aqui o verso do reverso. A capa tornou-se suporte e a sua disposição pode dar para ver os seus dois lados. Nobreza dourada que vagueia sobre um fundo rosa.

O brilho de um néon vermelho revela o **Soleil noir**. Reflexão. Resgate d'Ícaro em época de eclipse? Basta girar em torno do sol para entender o quanto esse oxímoro astral ilumina o equívoco da natureza humana. Do outro lado, a estrutura metálica e triangular evoca um ferro de estampagem a quente. Mas o selo só deixará traços nas nossas mentes, como uma imagem simbólica de um equilíbrio precário, um mundo-caos. Nós ouvimos o estrondo de um relâmpago. Nós tocamos o coração. Sol negro, página branca. Num canto, aparece uma forma mineral, parcialmente coberta com um quadrado de ouro, uma construção quase espiritual de uma religião ainda desconhecida. Expiração. **Pedra** angular de um relato sem histórias, tanto ruína como fundação, que nos desorienta sem dúvidas, numa arqueologia de artefactos atemporais.

texto de Manon Klein.

LAS PALMAS



DREAM AIRLINES I,II,III,

Serigrafia sobre cobertor de emergência, vidro, moldura,

91 cm x 66 cm

CHALEUR HUMAINE I, II, III, IV,

Faiança vidrada,

dimensões variáveis

SILENCE I,II,III,

Cedro vermelho,

55 cm x 35 cm x 20 cm

SOLEIL NOIR,

Neon, metal, transformador,

58 cm x 10 cm x 85 cm

UNTITLED,

Pedra, folha de ouro, verniz,

55 cm x 50 cm x 37 cm

ICARE,

Fita cola de alumínio,

dimensões variáveis